



SURFE E RACISMO: DO PERÍODO COLONIAL, PASSANDO POR HOLLYWOOD, ATÉ AS VOZES DE SURFISTAS BRASILEIROS

Resumo - Diante de diversos casos de racismo que se acumulam ao longo da história, dentro e fora do esporte, esse artigo tem por objetivo apresentar o ponto de vista de alguns atletas do surfe brasileiro, a respeito das suas experiências enquanto surfistas negros. O texto aborda o conceito de racismo a luz de intelectuais que se debruçam sobre o tema a fim de propor uma discussão crítica, de modo a estabelecer um diálogo entre a história do surfe, as falas dos entrevistados e a teoria acadêmica. Para o presente trabalho, além da revisão de teorias consolidadas a respeito do racismo e sua estrutura no Brasil, foi utilizado o método de narrativas biográficas em que os participantes são entrevistados e convidados a falar sobre racismo no surfe ao longo de suas trajetórias no esporte.

Palavras-chave: racismo; surfe; narrativas biográficas.

SURFING AND RACISM: FROM THE COLONIAL PERIOD, VIA HOLLYWOOD, TO THE VOICES OF BRAZILIAN SURFERS

Abstract - Faced with several cases of racism that have been accumulating throughout history, inside and outside the sport, this article aims to present the point of view of some Brazilian surfing athletes, regarding their experiences as black surfers. The text approaches the concept of racism in the light of intellectuals who focus on the subject in order to propose a critical discussion, in order to establish a dialogue between the history of surfing, the interviewees' speeches and academic theory. For the present work, in addition to the review of consolidated theories about racism and its structure in Brazil, the method of biographical narratives was used in which participants are interviewed and invited to talk about racism in surfing throughout their trajectories in the sport.

Keywords: racism; surfing; biographical narratives.

SURF Y RACISMO: DEL PERIODO COLONIAL, PASANDO POR HOLLYWOOD, A LAS VOZES DE LOS SURFISTAS BRASILEÑOS

Resumen - Frente a varios casos de racismo que se han ido acumulando a lo largo de la historia, dentro y fuera del deporte, este artículo tiene como objetivo presentar el punto de vista de algunos surfistas brasileños, sobre sus experiencias como surfistas negros. El texto aborda el concepto de racismo a la luz de intelectuales que se enfocan en el tema para proponer una discusión crítica, a fin de establecer un diálogo entre la historia del surf, los discursos de los entrevistados y la teoría académica. Para el presente trabajo, además de la revisión de teorías consolidadas sobre el racismo y su estructura en Brasil, se utilizó el método de las narraciones biográficas en las que los participantes son entrevistados e invitados a hablar sobre el racismo en el surf a lo largo de sus trayectorias en el deporte.

Palabras-clave: racismo; surf; narrativas biográficas.

Vinícius Cardoso Souza

vnstrainer@gmail.com

Universidade de São Paulo, Brasil

Tiago Brant de Carvalho Falcão

Universidade de São Paulo, Brasil

<http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v6.id152>

Recebido: 22 fev 2022

Aceito: 05 nov 2022

Publicado: 11 dez 2022

Introdução

Na história do surfe moderno foram poucos os atletas negros que conseguiram ocupar um lugar de destaque nas competições, fato que nos leva a pensar sobre questões de acessibilidade, oportunidade e investimento para a população afrodescendente cuja qual carrega na pele a herança de processos históricos marcados por exploração, extermínio e segregação.

Protestando contra racismo, a surfista profissional Tyler Wright, duas vezes campeã mundial, se ajoelhou, por pouco mais de oito minutos, no início de sua primeira bateria do torneio *WSL's Tweed Coast Pro*, na Austrália, exibindo sua prancha com os dizeres *Black Lives Matter* (Vidas Negras Importam). O protesto de Tyler foi para lembrar a morte do afro-americano George Floyd, estrangulado por um policial branco que ajoelhou em seu pescoço durante uma abordagem por supostamente ter usado uma nota falsificada em um supermercado. Ao ser entrevistada pelo site *Teton Gravity*¹, Tyler disse

Eu reconheço que aprender sobre racismo é um privilégio em comparação a ter que experimentá-lo todos os dias em todos os aspectos da vida. Todos nós vivemos em e entre sistemas racistas e preconceituosos que discriminam, desumanizam e continuam a oprimir os negros, indígenas e pessoas de cor (s/p).

O assassinato do afro-americano George Floyd, em maio de 2020, despertou a ira de grande parte da população estadunidense, um tsunami de protestos tomou conta das principais cidades do país e, com a força das redes sociais, repercutiu pelos quatro cantos do mundo trazendo à tona a urgente necessidade de debater o racismo como um tema transversal que atua e se adapta em todos os níveis da nossa sociedade. Ao tratar o racismo e sua especificidade, Almeida² afirma que “[...] o racismo não é um fenômeno uniforme e que pode ser entendido de maneira puramente conceitual ou lógica. A compreensão material do racismo torna imperativo um olhar atento sobre as circunstâncias específicas da formação social de cada Estado (p.138)”.

Segundo Rubio^{3,4}, o esporte é um dos maiores fenômenos socioculturais do mundo contemporâneo. De alcance global, pode servir de plataforma para que assuntos tão caros à sociedade, tal como o racismo, saiam da sombra da insipiência e venham aflorar através das vozes e gestos de atletas, que embora pareçam possuir poderes sobrenaturais por fazer

do esporte algo mágico, ainda são seres humanos dotados de sentimentos e opinião, passíveis de se indignar com o preconceito e a desigualdade social.

O gesto de Tyler Wright, atleta branca, simboliza a luta de todos e todas contra o racismo, dentro e fora do esporte, e que nos remete a outro episódio importante envolvendo atletas profissionais de surfe. Em 1985, três campeões mundiais Tom Carroll, Martin Potter e Tom Curren, todos brancos, decidem boicotar o evento do circuito profissional na África do Sul em protesto contra o regime do apartheid⁵. Tom Carroll foi o primeiro a anunciar o boicote um ano antes, ele disse: “[...] para mim, isto [boicote] é um simples ato humanitário (s/p)”⁶. Apesar de ter havido uma movimentação contra o apartheid também por parte de grandes entidades do esporte como a Fifa e até mesmo o Comitê Olímpico Internacional (COI), a ASP (Associação dos Surfistas Profissionais), principal instituição do surfe naquela época, preferiu se manter fora do debate com o argumento de que surfe e política não se misturam e, assim, manteve a etapa que contou, inclusive, com a participação de atletas brasileiros. De acordo com Rubio⁴, atletas que usam da imagem para opor-se contra algo que está acontecendo em um país ou cidade mostram “que o jogo está para além das quadras, campos, piscinas e ginásios (p. 50)”. Para a autora, “[...] não há esporte sem a figura espetacular do atleta (p. 50)”. Sendo assim, não há como separar o esporte da política, que organiza a vida em sociedade. O regime do apartheid, que durou quase metade do século XX, impôs, entre outras, a Lei de Registro da População e a Lei das Áreas de Grupos que separavam e dividiam as pessoas pela cor da pele e estabelecia as áreas urbanas a serem ocupadas por brancos e não brancos, reservando os maiores e melhores locais aos brancos. Nesse período surfistas negros eram expulsos de praias com boas ondas para a prática do surfe, por serem consideradas exclusividade dos brancos. Diante desse contexto, não é estranho constatar que o primeiro surfista negro a representar a África do Sul no circuito mundial, competição que surgiu em 1976, foi o atleta Mike February em 20187.

Surfe e colonialismo

O racismo, tal como estabelecido nos dias de hoje, e o surfe, enquanto modalidade esportiva e fruto da cultura do movimento, estão vinculados ao modelo econômico vigente cuja origem se dá com o fim do período colonial. Segundo Almeida² o pensamento iluminista dos séculos XVII e XVIII ofereceu meios que tornaram possíveis

a comparação e classificação de seres humanos baseada em características físicas e culturais. Nasce então a distinção entre civilizado e primitivo. Ainda em Almeida², as revoluções inglesa, americana e francesa foram o apogeu de um processo de reorganização do mundo que marcou a transição das sociedades feudais para a sociedade capitalista.

Esta mesma civilização [...] seria levada para outros lugares do mundo, para os primitivos, para aqueles que ainda não conheciam os benefícios da liberdade, da igualdade, do Estado de direito e do mercado. E foi esse movimento de levar a civilização para onde ela não existia que redundou em um processo de destruição e morte, de espoliação e aviltamento, feito em nome da razão e a que se denominou colonialismo (p. 21).

Para Santos⁸, o colonialismo não se restringe tão somente à expansão europeia, mas a uma forma de opressão e dominação “[...] baseada na privação ontológica, isto é, na recusa de reconhecer a humanidade do outro (p.162)”.

Embora haja sinais sugerindo que pescadores Incas, localizados na região de Huanchaco, ao norte do Peru, teriam sido os primeiros a surfar ondas com suas embarcações chamadas Caballitos de Totorá, há mais de 3.000 anos, foi no século XVIII, em 1777, que navios britânicos liderados pelo capitão James Cook chegaram às ilhas Polinésias, compostas por Tahiti e Hawaii, entre outras, e se depararam com pessoas, nativas daquelas ilhas, sendo conduzidas pelas ondas do mar de forma rápida e suave⁹. A chegada dos ingleses significou o início do processo de colonização, assim como o extermínio dos nativos que habitavam estas ilhas. No início do século XIX, missionários calvinistas classificaram o surfe como sendo uma atividade pagã, não-produtiva, obscena e perigosa. Não o baniram por completo, mas através dos cancelamentos de festivais relacionados ao surfe e da acusação de que a prática recreativa era imoral, o surfe foi sendo reduzido e quase desapareceu da cultura dos povos polinésios enquanto eram acometidos por diversas doenças trazidas por americanos e europeus, matando aproximadamente 90% da população havaiana entre a chegada do capitão Cook e o fim do século XIX^{9,10}.

O surfe, portanto, seja ele natural das Ilhas Polinésias, da América do Sul ou de qualquer outra parte do planeta banhada pelo oceano, é parte da cultura da prática corporal de movimento de povos, majoritariamente não brancos, que tiveram seus costumes

afetados pelos processos de colonização. A palavra havaiana *haole* (ha, para respiração e ole, para sem ou não, ou seja, sem respiração), comum dentro do universo do surfe, no Brasil utilizada principalmente para classificar alguém que ainda não desfruta de grande habilidade, ou que não é ‘local’ de uma determinada praia, possui no seu significado original marcas do período colonial ao ser usada, pelos nativos, para denominar os missionários brancos, que chegaram às ilhas no início do século XIX, e não tinham interesse em entender a importância do ‘deep-breathing rituals’ ou ritual de respiração profunda, forma com a qual os antigos havaianos se preparavam para suas cerimônias religiosas⁵.

Nadador e medalhista olímpico dos jogos de 1912, 1920 e 1924, o havaiano Duke Kahanamoku, nascido em 1890, pode desfrutar, durante sua infância e adolescência, de um Havaí diferente daquele vivido pelos seus ancestrais. No início do século XX, interesses na agricultura e no turismo passaram a ditar a política e a cultura das ilhas havaianas, transformando a prática do surfe num promissor atrativo de lazer. Kahanamoku gozava de uma habilidade natural nas mais variadas atividades aquáticas, inclusive a de surfar sobre uma prancha. Sua alta performance na natação o levou a diversas competições pelos Estados Unidos e, durante essas viagens, Duke, carregando na pele suas origens, era frequentemente maltratado por brancos, donos de hotéis e restaurantes⁹. Personagem importante por popularizar a prática do surfe dentro dos EUA, principalmente no sul da Califórnia, Kahanamoku foi a grande inspiração para Tom Blake, outro protagonista, desta vez branco, nesta história. Blake, dono de uma mente brilhante, foi responsável por sofisticar a forma de surfar através de projetos de pranchas mais arrojadas, se tornou referência por sua técnica aprimorada e levou o surfe para além da prática com suas fotos e sua escrita. Blake ajudou a disseminar o surfe ao redor do mundo e conseqüentemente contribuiu para a construção da imagem do surfista no imaginário social. Homem branco, cabelos castanhos e corpo atlético, Blake possuía atributos considerados como o padrão de beleza masculino, e constantemente era fotografado para jornais e revistas, chegando a fazer algumas pequenas aparições em filmes de Hollywood.

O surfista ‘hollywoodiano’

Em um estudo feito por Wheaton¹¹, a autora se dedica a investigar a relação entre o branqueamento e os esportes de aventura, a fim de entender por que esses esportes foram muitas vezes constituídos como ‘espaço branco’. Wheaton¹¹ explorou como surfistas afro-americanos vivenciam a experiência de identidade racial e como raça e etnia estão relacionados aos processos de exclusão no surfe. Para isso, a autora examinou a influência dos filmes de surfe ‘hollywoodianos’ e como o “[...] contexto político de segregação racial impactou as atividades de lazer (p. 95)”. *Gidget* (1956) e *Beach Party series* (1963) foram produções populares e economicamente bem-sucedidas que reproduziram o tão sonhado estilo de vida dos surfistas californianos: “Esses filmes foram importantes para impulsionar a difusão global da cultura do surfe californiano, particularmente ao redor da costa do Pacífico (p.124)”¹¹.

Embora a comunidade do surfe evitasse os filmes de surfe produzidos em Hollywood, por julgar serem uma representação criminosa de sua subcultura, foram essas produções que promoveram os valores do surfe de maneira ampla, principalmente para indivíduos que não tinham oportunidade de frequentar a praia. Na esteira dos fatores contextuais de raça e localização sociocultural herdados da era segregacionista*, conhecida como Jim Crow, a maioria dos surfistas afro-americanos que cresceram nas décadas de 1950 e 1960 nos Estados Unidos, período marcado pelo rápido crescimento das indústrias de mídia, pelo surgimento da cultura eletrônica global e pelos avanços conquistados através do *Civil Rights Movement*, acreditavam que esses filmes eram tidos como um modo de definir o surfista como sendo um sujeito branco, originando um mito sobre as praias serem espaços brancos¹¹.

Wheaton¹¹, aponta para a construção das praias californianas, feita pelos filmes já citados, como sendo uma paisagem branca previsível, onde as diferenças raciais eram contidas ou rejeitadas: “Despolitizando a subcultura, os filmes transformaram o surfe e a praia em commodities para os frequentadores do cinema tradicional suburbano (p. 125)”.

Wheaton¹¹ apresenta um trecho de uma de suas entrevistas com surfistas afro-americanos, onde um entrevistado, chamado Stevie, ilustra a imagem conservadora e

*Conjunto de leis, promulgada entre 1870 até meados dos anos 1960, que estabelecia uma série de restrições raciais em espaços públicos dentro dos Estados Unidos¹¹.

branca do surfe de classe média que era projetada nos filmes de surfe, apagando todas as referências à política racial da época

Todas essas pessoas brancas, magras, tipicamente de classe média, vivendo em uma comunidade de praia, ‘Deus abençoe a América’. Você nunca viu nenhum antiguerra, nunca viu nenhum pró-paz. Era uma imagem do surfe muito conservadora de direita que foi divulgada através dos filmes. Eu também acho que o surfe foi estereotipadamente definido como esporte de brancos (p. 126).

Ainda analisando a contribuição da indústria do cinema em propagar a associação entre esporte e a racialização dos corpos, é necessário compreender a função da herança colonial exercida sobre eles. Os discursos da mídia esportiva ocupam um lugar importante na pedagogização do imaginário cultural esportivo dos jovens e, no caso da mídia esportiva do surfe, servem de sustentação para preservar o mito de que o surfe é um esporte para brancos ao negligenciar a subjetividade do surfista negro^{11,12}.

The Endless Summer, filme produzido em 1964, se tornou um grande sucesso quando lançado, em 1966, pela Columbia Pictures. O filme destaca as aventuras de dois surfistas americanos brancos, nascidos na Califórnia, que viajam pelo mundo, acompanhando a temporada de verão, à procura de boas ondas numa expedição que os leva para países da África, bem como Austrália, Nova Zelândia, Taiti e Havaí⁹.

O filme, além de narrar a busca por ondas perfeitas, tem a intenção de revelar modelos alternativos de vida, criticando as formações raciais dos Estados Unidos em meados do século XX. De acordo com Wheaton¹¹, embora a narrativa do filme passe a ideia da condição “boêmia e cosmopolita (p. 132)” dos surfistas, o imaginário colonial domina a narrativa e se torna preponderante em todas as formas de registro de viagem que se propagaram pelas mídias de surf.

A narrativa do diário de viagem foi baseada em jovens ocidentais brancos, heterossexuais e ricos em busca de ondas perfeitas em terras “exóticas” distantes, muitas vezes em todo o Sul Global. Onde imagens de sujeitos negros eram usadas, elas tendiam a ser como o Outro “nativo”, retratado em roupas tradicionais e / ou realizando tarefas “primitivas” como pescar / caçar para comer. Muito ocasionalmente (como em *The Endless Summer*), alguns surfistas negros são retratados. Mas, predominantemente, os surfistas brancos fazem amizade e domam o primitivo. Outro, negro nativo, com quem compartilha uma afinidade com a natureza e o oceano, a base do *ethos* do soul surf e da experiência

transcendental. Os estereótipos raciais sustentam esta narrativa, enfatizando as diferenças culturais e raciais, e que os países e sujeitos pós/colonizados são mais primitivos do que o Ocidente "civilizado". Além disso, o "projeto romântico" do surfista busca "colocar entre parênteses as questões da pobreza indígena, exploração global e apartheid por meio do engajamento, bem-humorado, com os habitantes locais como curiosidades (p. 132).

É baseado no modelo economicamente bem-sucedido dos filmes de surfe produzidos em Hollywood, que o mundo passa a assistir ao estilo de vida do surfista californiano, e no esporte, enquanto fenômeno sociocultural da contemporaneidade, que o surfe se popularizou, durante a década de 1960, no Brasil^{13,14}. Não é possível desvincular o espalhamento do surfe, e seu 'intenso caráter imagético', da influência cultural estadunidense, exercida acerca da classe média brasileira, a partir da segunda metade do século XX, fim da década de 1970 e início da década de 1980¹⁵,

Houve uma significativa produção cinematográfica nacional em que a modalidade ocupava papel relevante: *Nas ondas do surf* (1978), *Nos embalos de Ipanema* (1978), *Menino do Rio* (1981) e *Garota dourada* (1983), [...] Todos tiveram grandes bilheterias e contribuíram para divulgar o esporte e seu estilo de vida junto ao público brasileiro. Somam-se a estes os filmes hollywoodianos exibidos no cinema e/ou na televisão (p. 97).

A exceção do primeiro filme mencionado, que foi uma produção com surfistas profissionais, os outros filmes trazem o indivíduo fenotipicamente branco e de classe social privilegiada no papel de surfista, sempre ligado a uma presença sedutora e aventureira.

Para Almeida², “o racismo constitui todo um complexo imaginário social que a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional (p. 38)”. E o autor continua

Após anos vendo telenovelas brasileiras, um indivíduo vai acabar se convencendo de que mulheres negras têm uma vocação natural para o trabalho doméstico, que a personalidade de homens negros oscila invariavelmente entre criminosos e pessoas profundamente ingênuas, ou que homens brancos sempre têm personalidades complexas e são líderes natos, meticolosos e racionais em suas ações (p. 51).

A luz da visão de Pierre Bourdieu¹⁶ sobre a relação dos meios de comunicação junto aos que deles fazem uso, existe um poder imaterial que o autor vai chamar de ‘poder simbólico’, que se define por constatar ou transformar um olhar sobre o mundo e, desta maneira, edificar um certo tipo de comportamento acerca de um determinado objeto. Para Bourdieu¹⁶, este poder só pode ser estabelecido se sua força dominadora for ocultada. Para o autor a produção simbólica se ‘assenta no capital econômico’ que visa impor sua legitimidade de dominação na ‘luta simbólica entre as classes’. Portanto, o modelo de surfista implantado no subconsciente da sociedade pós-moderna, parece ser produto da construção simbólica, oferecida e orquestrada pela indústria audiovisual, e o surfe desponta para o mundo como uma prática corporal elitista, acessível predominantemente a uma parcela privilegiada da população, não por acaso, branca.

Considerando a importância do posicionamento dos atletas em relação ao tema, o objetivo desse artigo é apresentar entrevistas de alguns atletas e ex-atletas do surfe brasileiro, a respeito das suas experiências no esporte, enquanto surfistas autodeclarados negros.

Método

Para atingir o objetivo proposto foi utilizado o método de narrativas biográficas que, segundo Rubio¹⁷, serve de instrumento para captar e organizar a memória por apreender valores que se inserem na cultura do grupo social ao qual o narrador pertence.

Essa construção considera os dados relevantes da trajetória do narrador dando uma ideia do que foi sua vida e do que ele mesmo é nesse momento. Essa atitude reflexiva permite a reexperimentação de situações passadas não apenas do ponto de vista do desenrolar dos fatos, mas pela ressignificação de episódios marcantes para o narrador, que se permite inverter (ou subverter) a narrativa obedecendo a uma cronologia própria da afetividade implicada no evento ocorrido, dando ao seu texto um contexto (p.112).

Para isso foram feitas, pelos autores, entrevistas via videoconferência e por áudios de aplicativo de mensagens instantâneas. Os autores também recorreram a entrevistas realizadas por revistas eletrônicas disponíveis na internet.

Democracia racial: não reme nessa onda!

A prática do surfe no Brasil se popularizou. Nos últimos anos a hegemonia de americanos, australianos e havaianos foi quebrada. Hoje os atletas brasileiros, Gabriel Medina, Ítalo Ferreira e Filipe Toledo, entre outros, são as principais referências mundiais. A indústria do segmento cresce impulsionada pelo avanço das mídias digitais e faz com que a realização do esporte, seja na esfera profissional ou por lazer, fique mais acessível à população. De fato, é possível ir à praia, hoje, e perceber uma cena mais plural, no que se refere a prática do surfe por indivíduos de diferentes grupos sociais. Mas isso não significa que a questão racial dentro dessa seara esteja solucionada.

Diferente dos Estados Unidos e da África do Sul, o Brasil não possui no seu histórico um regime segregacionista bem definido que, talvez, simplificaria o estudo sobre os desdobramentos decorrentes do racismo no esporte em questão. Para tal análise, é preciso visitar o conceito de democracia racial, difundido em meados do século XIX e ainda presente no imaginário social atual, que tem como premissa negar a existência do racismo no Brasil¹⁸. Em ‘O genocídio do negro brasileiro’, Abdias Nascimento¹⁸ nos situa a respeito de tal conceito, dizendo que

[...] à base de especulações intelectuais, frequentemente com o apoio das chamadas ciências históricas, erigiu-se no Brasil o conceito da democracia racial; segundo esta, tal expressão supostamente refletiria determinada relação concreta na dinâmica da sociedade brasileira: que pretos e brancos convivem harmoniosamente, desfrutando iguais oportunidades de existência, sem nenhuma interferência, nesse jogo de paridade social, das respectivas origens raciais ou étnicas. A existência dessa pretendida igualdade constitui mesmo, nas palavras do professor Thales de Azevedo, “o maior motivo de orgulho nacional” [...] e “a mais sensível nota do ideário moral no Brasil, cultivada com insistência e com intransigência”. Na mesma direção laudatória, o *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, afirma que “a maior contribuição que nós temos dado ao mundo é precisamente esta da nossa ‘democracia racial’” (p.48).

Mais adiante, o autor aponta para o que podemos conceber por democracia racial:

Devemos compreender “democracia racial” como significado a metáfora perfeita para designar o racismo estilo brasileiro: não tão óbvio como o racismo dos Estados Unidos e nem legalizado qual o apartheid da África do Sul, mas institucionalizado de forma eficaz nos níveis oficiais de governo, assim como difuso e profundamente penetrante no tecido social, psicológico, econômico, político e cultural

da sociedade do país. Da classificação grosseira dos negros como selvagens e inferiores, ao enaltecimento das virtudes da mistura de sangue como tentativa de erradicação da “mancha negra”; da operatividade do “sincretismo” religioso à abolição legal da questão negra através da Lei de Segurança Nacional e da omissão censitária - manipulando todos esses métodos e recursos - a história não oficial do Brasil registra o longo e antigo genocídio que se vem perpetrando contra o afro-brasileiro. Monstruosa máquina ironicamente designada “democracia racial” que só concede aos negros um único “privilégio”: aquele de se tornarem brancos, por dentro e por fora (p.111).

Nota-se que teorias racistas utilizam de mecanismos ideológicos para penetrarem na cultura brasileira de modo a demarcar os limites de atuação do corpo negro dentro da sociedade. O esporte, enquanto patrimônio da cultura corporal de movimento, surge nesse cenário como um dos poucos espaços que o indivíduo negro desfruta de uma aparente inclusão, pois é integrado de maneira subordinada e submetido a um discurso meritocrático, viabilizado por mecanismos institucionais e ‘psico-políticos’, passando a ideia “de que problemas como o racismo podem ser superados tal como um obstáculo de corrida, pelo mérito (p. 189-191)¹⁸, abrindo caminho para que o entendimento da desigualdade racial, experienciada na forma de pobreza, condições precárias e privação material seja falta de mérito desses sujeitos^{2,19}. Para Ferreira²⁰, o racismo brasileiro combina a dicotomia da inclusão com exclusão social: “No esporte, na música, no corpo da lei, conseguimos proporcionar alguma inclusão. Mas se verificarmos as estatísticas sobre lazer, trabalho ou nascimento, o cenário é desarmônico (p. 210)”. Ferreira²⁰, nos situa sobre o racismo

Fortemente ancorada ao mito da democracia racial, a integração subordinada estabeleceu regras internas de sociabilidade por meio das quais as assimetrias sociais entre brancos e negros se mantinham intactas, ao mesmo tempo em que as práticas racistas cumpriam seu propósito, valendo-se não da negação do racismo em si, mas da negação da existência do sujeito da ação racista. Dentro deste domínio, a transgressão passava a ser atribuída àqueles que de alguma forma rompem com a “ordem”, ultrapassando a fronteira hierárquica. A integração subordinada dos negros nesta sociedade, em última análise, resulta de uma relação “na qual o discriminador se impõe limites, de tal forma que a cor dos indivíduos envolvidos não apareça como fator relevante da organização de sua conduta”, instituindo-se assim uma espécie de pacto de silêncio entre as partes (p. 191-192).

Em entrevista para GQ²¹, o atleta profissional Wigolly Dantas da cidade de Ubatuba, fala sobre sua experiência, enquanto surfista negro, e nos ajuda a visualizar como esse concerto teórico acerca do racismo é vivenciado na pele no microcosmo do surfe profissional.

Fiquei anos com a marca, eles me levaram para competir e viajar o mundo inteiro. Mas nunca tinha nenhuma foto estampando propagandas. Eu tinha o surfe mas não o perfil que eles queriam para sair em banners, outdoors, na comunicação visual das lojas. Uma vez, no Rio, durante um evento do circuito mundial, fui em uma loja do meu patrocinador. Havia pôsteres de dois surfistas, o Dane Reynolds e o Craig Anderson, profissionais que não estavam mais contratados pela marca, mas nada meu, o único brasileiro da equipe deles no circuito mundial (s/p).

Wigolly Dantas tem plena consciência de que, não só ele, mas uma colega de trabalho e seu irmão mais novo, foram vítimas de discriminação racial. No trecho a seguir, o surfista é questionado se ele consegue notar o preconceito de mercado

Com certeza. Sempre tive menos patrocínio que outros surfistas louros. Silvana Lima, vice-campeã mundial, correu vários anos sem patrocínio. O Pedro Scooby chamou atenção para o caso do meu irmão Wesley (Dantas). Scooby falou com razão que Wesley é um dos grandes talentos da nova geração, está entre os três melhores do Brasil, mas não tem patrocínio. Recentemente uma marca demonstrou interesse em fechar com ele. E tinha outro atleta, branco de olho verde, na disputa. O rapaz não surfa um terço do que o meu irmão surfa. Wesley estava bem melhor colocado no ranking. Adivinha com quem a marca fechou? (s/p)

Para Almeida², na passagem abaixo, é perceptível a concepção individualista de racismo cuja prática

[...] pode não admitir a existência de ‘racismo’, mas somente de ‘preconceito’ a fim de ressaltar a natureza psicológica do fenômeno em detrimento de sua natureza política. Deste modo, o racismo, ainda que possa ocorrer de maneira indireta, manifesta-se, principalmente, na forma de discriminação direta (p. 28).

Victor Bernardo, atleta profissional do Guarujá, em entrevista concedida aos pesquisadores[†] em maio de 2021, também contribui para o debate relatando sua experiência na condição de surfista negro, quando perguntado se achava o surfe um esporte preconceituoso. Ele diz:

O surfe tem suas situações, a gente vê aquela marca que só tem surfista loirinho, só tem cara que é branco, que vem de uma situação bem melhor que a de uma pessoa negra, que não vem da comunidade... passa pela cabeça às vezes, mas eu procuro não pensar muito nisso, eu sei que se a pessoa está fazendo um belo trabalho ela vai ser recompensada, eu mesmo já fui de marcas internacionais e, quando eu era pequeno, achei que isso (racismo) não era possível, o meu exemplo é prova disso, fazendo aquilo que o patrocinador deseja, você é recompensado (comunicação pessoal).

Quando perguntado se já havia sofrido algum tipo de discriminação no surfe, Victor respondeu,

Sim, já senti. Uma eu era bem novo, foi numa etapa do King of Grommets na França, a maioria dos competidores ficou num alojamento que a QuikSilver providenciou pra gente, que era a casa da QuikSilver em Hossegor, na França, e tinha uma mesa de ping pong. A gente estava jogando ping pong e tal, e um dos atletas falou umas coisas pra mim, aí eu falei: Pô, isso é racismo, e ele falou, é mesmo! Foi bem chocante aquilo pra mim, porque a gente era bem novo e eu fiquei abismado, se eu não me engano foi em 2012 e eu tinha 13, 14 anos, por aí [...]. Aqui no Guarujá e no Brasil, eu passei por algumas situações, mas que eu não imaginava ter sido racismo. Eu sempre pensava que a pessoa estava passando por um dia ruim e estava descontando em mim, eu ouvi coisas desagradáveis, mas não acreditei que era racismo diretamente. Às vezes eu procuro fazer isso também, eu vejo que a pessoa não é tão respeitosa, não está bem, vejo que ela acordou com o pé esquerdo e eu deixo pra lá (comunicação pessoal).

Mais adiante Victor Bernardo complementa, “Eu não achava que existia racismo no Brasil até pouco tempo atrás, quando essas coisas começaram a ser discutidas, mas aos poucos fui percebendo como eu estava enganado (comunicação pessoal)”.

Seguindo adiante na entrevista, Victor relata uma situação que o marcou, embora não soube, nas palavras dele, “[...]distinguir se era racismo ou se era simples inimizade (comunicação pessoal)”.

[†]Entrevista realizada em 24 de maio de 2021 entre Victor Bernardo e os pesquisadores.

Teve uma situação que me deixou bem triste, durante um tempo, até que o cara me pediu desculpas numa das etapas [...], esse cara teve várias situações comigo que me deixaram chateado, durante um ano nas competições do QS, talvez até um pouco mais, até ele vir pedir desculpas. Eu o desculpei, mas ainda queria entender o que rolou, foram várias situações que eu não posso afirmar terem sido racismo, mesmo eu pensando que só pode ter sido isso (comunicação pessoal).

Victor nos conta com mais detalhes

Na primeira situação eu estava sentado do lado do Willian Cardoso e tinha um espacinho entre eu, o Keanu e o Torrey Meister. Esse cara chegou chutando minha cadeira e mandando eu chegar pra lá, porque ele queria sentar onde eu estava. Eu perguntei: O que é isso? O que está acontecendo? O que eu te fiz?! – ninguém entendeu nada. O Willian perguntou o que eu tinha feito, o Torrey e o Keanu também não entenderam, mas pra não arrumar picuinha eu saí do meu lugar, sentei mais pro lado e ele continuou falando, reclamando... Eu perguntei por que ele estava falando ainda se eu nunca tinha feito nada para ele? (A gente não era amigo, mas eu sempre o respeitei) e ele continuou me xingando, dizendo que eu era um M. e várias outras ofensas. Passou um tempo e nos reencontramos no Japão, onde ia acontecer uma “Expression Session” (competição de melhor manobra) e ele reclamando que tinha muito brasileiro na competição. Eu estava pegando a Lycra, ele também e eu perguntei qual era o problema dele comigo, o que eu tinha feito pra ele... Ele disse que eu não merecia falar com ele e tal. Eu perguntei pra ele: Você é o presidente, alguma autoridade com quem eu não possa falar, que eu não mereça falar com você, o que está acontecendo?! E ele continuou me menosprezando, me deixando bem pra baixo com as palavras. Enfim, eu acho que foi racismo, mas eu não quero confirmar que foi, nunca se sabe, como eu falei ele podia realmente não estar gostando de mim, sei lá por qual motivo (comunicação pessoal).

Segundo Ferreira Júnior e Rubio¹⁹, é necessária uma crítica rigorosa ao esporte para “[...] compreender como o domínio da ‘raça’ organiza a contemporânea redução dos sujeitos à condição de mercadoria e como a legitimação desta redução ontológica reforça o racismo, a xenofobia, dentre outras formas de violência (p. 200)”. Os autores ressaltam que o racismo observado no esporte é tido como cenas que fogem da ‘regra’ “[...] compreendendo-se por ‘regra’ a ideia de que no esporte prospera a convivência fraterna (p. 199)”.

Com relação ao baixo número de atletas negros que figuraram na elite do surfe mundial, Victor, embora lembre de Jojó de Olivença[‡] e Tinguinha, e os tenha como referências negras no surfe, atribui ao fato de que “geralmente o surfista negro vem da comunidade (comunicação pessoal)”. Esta colocação sugere uma naturalização do local de origem da pessoa negra, uma vez que, a comunidade é popularmente referida como um lugar onde há pessoas socialmente desfavorecidas e de baixa renda. Diversos estudos já realizados sobre a estrutura do racismo evidenciam a marginalização, a carência de oportunidades, a violência e a baixa renda enfrentadas pela população negra. Segundo Osório²², em seu importante estudo sobre a desigualdade racial no Brasil nas últimas três décadas, para o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA): “O nível de renda não define os estilos de vida das pessoas, suas opiniões e ações, mas é um fator que limita as escolhas dos pobres enquanto amplia as dos ricos (p.16)”. Após uma longa análise de dados, o autor conclui que houve um aumento na população que se declara preta ou parda, “[...], mas pouco mudou a concentração dos negros entre os mais pobres. Nas últimas três décadas, de 1986 a 2019, a desigualdade racial de renda persistiu quase intocada no Brasil, onde não se passa uma semana sem algum caso de racismo e discriminação exposto (p. 23)”. A partir desse estudo entende-se o arranjo sociopolítico e econômico em que a sociedade brasileira está submetida, parecendo empurrar o corpo negro para camadas sociais menos privilegiadas. Isso faz com que as pessoas se acostumem com o cenário trazido pelo autor, ou seja, ser negro ou negra, no Brasil, pressupõe pertencer a uma classe social com menor poder aquisitivo e isto é tido como ‘habitual’. Santos⁸ referindo-se ao conceito de *habitus* de Bourdieu, entende que a presença do estruturalismo e das estruturas de dominação são tão potentes que eliminam “a própria noção de sujeito ou ator social (p. 104)”, ou seja, *habitus* é a “forma como as estruturas se incorporam e endogenizam os indivíduos. [...] o mundo encontra-se de tal forma que, para funcionar, as estruturas necessitam da cumplicidade daqueles que as interiorizam (p. 104)”. Essa cumplicidade e endogeneização parecem se apresentar na fala do atleta quando perguntado sobre o envolvimento do racismo na esfera profissional

[‡]Jojó de Olivença foi bicampeão brasileiro (1988/1982) e o primeiro surfista negro na elite do surfe em 1993.

Pode ser que tenha, eu acho até que tem, mas não acho que tenha me prejudicado. Muitas vezes eu acho que vem do pessimismo da pessoa, achar que não tem um patrocínio bom porque é negro. Eu acho que se você fizer por onde você vai ter um patrocínio bom e vai ser recompensado (comunicação pessoal).

O próprio conceito de *habitus*, na leitura de Santos⁸, “[...] busca reconciliar os constrangimentos sociais [as estruturas] com a liberdade e a capacidade de improviso do indivíduo” (p. 104), liberdade e capacidade de improviso sustentados pelo conceito de meritocracia que impõe ao sujeito a responsabilidade de ser bem-sucedido sem questionar a sua condição de existência. Segundo Almeida², no contexto brasileiro, “[...] o discurso da meritocracia é altamente racista, uma vez que promove a conformação ideológica dos indivíduos à desigualdade social (p. 63)”. O fator financeiro acaba sendo crucial no surfe de alto rendimento, pois os atletas precisam viajar durante todo o ano para competir, dentro e fora do Brasil, assim como usufruir de equipamentos feitos com materiais de boa qualidade. Essa demanda faz com que os surfistas busquem patrocínios com diversas marcas e empresas para seguir almejando estar entre os melhores do mundo. Victor, que é um surfista talentoso e aspirante a uma vaga na elite do surfe mundial, conta com o suporte de copatrocinadores, mas segue se esforçando para obter um patrocínio de bico§ e alcançar o tão sonhado objetivo.

Considerações Finais

Os esportes de aventura, ou radicais, ou como também chamados por Wheaton¹³, de esportes que se misturam com estilo de vida (*lifestyle sports*), categoria na qual o surfe se inscreve, carecem de mais estudos em relação aos seus aspectos político-culturais e, em especial, a questão do racismo, como tentamos expor neste artigo. Para Wheaton¹³ a racialização dos *lifestyle sports* e o desenvolvimento deles, fora do norte Global, ainda recebem pouca atenção por parte dos estudiosos do esporte.

No Brasil, nota-se um grande aumento da procura pela prática do surfe, ao longo da última década, em decorrência do sucesso dos atletas brasileiros nas competições internacionais. O elevado número de pessoas interessadas em surfar faz desse esporte um espaço promissor à diversidade, possibilitando não só o surgimento, mas o

§Principal patrocínio do atleta estampado no bico da prancha.

reconhecimento de novas referências com diferentes representatividades, dentre as quais a mulher negra surfista se apresenta.

Em entrevista para o site da Folha Uol²², Érica Prado, jornalista, campeã baiana de surfe em 2006 e idealizadora do movimento Surfistas Negras, que tem o objetivo de, nas palavras dela, “dar visibilidade a mulheres pretas que praticam o esporte no Brasil (s/p)”, fala a respeito do racismo nas praias: “É uma coisa muito nítida. O que acontece no surfe é um reflexo da nossa sociedade como um todo”. Érica também está à frente da série que vai ao ar no Canal *Off* chamado *Janaínas: Deusas do Mar*, na qual ela é diretora, produtora e umas das personagens em destaque no programa. É importante frisar que o circuito mundial de surfe feminino nunca contou com uma atleta negra.

Além de apresentar surfistas de diferentes gerações e regiões do país, a série também vai ajudar a dar voz para essas atletas que durante muitos anos foram invisibilizadas. O programa vai ter um papel importante na formação de novas gerações de surfistas negras (s/p).

Em uma breve entrevista realizada pelos pesquisadores^{**} com o bicampeão brasileiro de surfe (1988/1992), fundador e atual diretor presidente da ONG Projeto Ondas localizada no litoral paulista na cidade de Guarujá, o baiano Jocélio de Jesus, mais conhecido como Jojó de Olivença, atenta para o fato de que, apesar não ter presenciado nenhum gesto preconceituoso na sua carreira profissional, o racismo existe.

Nunca presenciei nenhum gesto de preconceito, mas sei que existe. Não dá para negar que existe preconceito, mas pra mim, passou muito despercebido isso, talvez até por ingenuidade e simplicidade no trato com as pessoas. Eu percebi inveja algumas vezes, mas preconceito que pudesse impactar na minha vida, não (comunicação pessoal).

Jojó que foi o primeiro surfista negro a entrar no circuito mundial de surfe em 1993, dá sua opinião a respeito do baixo número de surfistas negros profissionais.

“Na verdade, nós não temos muitos surfistas negros que atingem o nível de alta performance que as competições demandam. Esse é um ponto,

^{**}Entrevista realizada em 05 de outubro de 2021 entre Jojó de Olivença e os pesquisadores.

mas no Brasil a gente tem uma grande quantidade de surfistas negros e que se destacam nas competições. Mas para um nível internacional, ainda falta, e as oportunidades são poucas (comunicação pessoal).

Sendo assim, os fatos históricos, os depoimentos dos atletas e as reflexões acerca do racismo apresentados nesse artigo nos aproximam de uma percepção da experiência do corpo negro na prática do surfe ao longo do tempo. É essencial ressaltar a dimensão desse debate para que novas pesquisas sobre o tema possam ser realizadas e contribuam no combate ao racismo não só no surfe, mas no esporte e sobretudo na sociedade. Também vale reforçar a necessidade de mais oportunidades e investimentos para que o surfe se torne, cada vez mais, um lugar democrático e representativo.

Referências

- 1 Lozancich K. Tyler Wright kneels with the Black Lives Matter movement Teton gravity research; 2020 [citado 15 Mar 2021]. Disponível em: <https://www.tetongravity.com/story/surf/tyler-wright-kneels-with-the-black-lives-matter-movement/>.
- 2 Almeida SL. Racismo estrutural (Feminismos Plurais). São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen; 2019.
- 3 Rubio K. O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2001.
- 4 Rubio K. O atleta e o mito do herói: O imaginário esportivo contemporâneo. 2. ed. São Paulo: Laços; 2021.
- 5 Warshaw M. The Encyclopedia of Surfing. Chicago: Houghton Mifflin Harcourt; 2003.
- 6 Araújo E. Surfe já boicotou o apartheid na África do Sul. Yahoo Esportes; 2019, [citado 15 Mar 2021]. Disponível em: <https://esportes.yahoo.com/noticias/surfe-apartheid-africa-do-sul-235724489.html>.
- 7 Assunção K. Lines ups do apartheid. Hard Core; 2013 [citado 16 Mar 2021]. Disponível em: https://hardcore.com.br/19051-lineups_do_apartheid/.
- 8 Santos BS. O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica; 2019.
- 9 Warshaw M. A História do Surfe. San Franscico: Harcourt, Inc; 2010.
- 10 Reft R. Surfing for freedom: Black surfers and reclaiming cultural history in Los Angeles. Kcet; 2014 [citado 20 Mar 2020]. Disponível em: <https://www.kcet.org/history-society/surfing-for-freedom-black-surfers-and-reclaiming-cultural-history-in-los-angeles/>.
- 11 Wheaton B. The cultural politics of lifestyle sports. New York: Routledge; 2013.
- 12 Azzario L, Harrison L. White men can't jump. *International review for the sociology of sport*. 2008;43(4):347-364.
- 13 Amaral VA, Dias CAG. Da praia para o mar: motivos à adesão e à prática do surfe. *Licere*. 2008;11(3):1-22 .
- 14 Dias CAG. O surfe e a moderna tradição brasileira. *Movimento*. 2009;15(4):257-286.

15 Fortes R. O surfe brasileiro e as mídias sonora e audiovisual nos anos de 1980. *Logos* 33 *Comunicação e Esporte*. 2010;17(2):90-105.

16 Bourdieu P. *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel; 1989.

17 Rubio K. *Preservação da memória: a responsabilidade social dos Jogos Olímpicos*. São Paulo: Képos; 2014.

18 Nascimento A. *O genocídio do negro brasileiro: Processo de um racismo mascarado*. 3. ed. São Paulo: Perspectivas; 2016.

19 Ferreira Junior NS, Rubio K. Revisitando a “raça” e o racismo no esporte brasileiro: implicações para Psicologia Social. In Camilo JAO, Rubio K. (editores). *Psicologia Social do Esporte*. São Paulo: Laços. 2019. p. 183-208.

20 Ferreira FL. *Democracia Racial Brasileira: Uma piada sem graça*. *Mediações*. 2018;23(1):193-242.

21 Ribeiro L. Wiggolly Dantas fala sobre racismo no surfe e entre patrocinadores. *GQ*; 2020, [citado 10 Set 2021]. Disponível em: <https://gq.globo.com/Noticias/Esporte/noticia/2020/09/wiggolly-dantas-fala-sobre-racismo-no-surfe-e-entre-patrocinadores-nao-o-perfil-que-eles-queriam.html>.

22 Osório RG. *A desigualdade racial no Brasil nas últimas três décadas*; IPEA. Brasília; 2021.

23 Padiglione C. *Janaínas: ‘deusas do mar’ mostra a contribuição de surfistas negras*. *Folha de S.Paulo*; 2021 [citado 6 Out 2021]. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/colunistas/cristina-padiglione/2021/09/janainas-deusas-do-mar-mostra-a-contribuicao-de-surfistas-negras-brasileiras.shtml>.